

Editor: José Carlos Vieira josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense

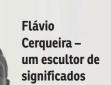
Brasília, terça-feira, 17 de junho de 2025



rsão&Arte



EXPLORA SITUAÇÕES DO COTIDIANO PARA FALAR DE QUESTÕES SOCIAIS, DE RAÇA, DE GÊNERO E EXISTENCIAIS



» NAHIMA MACIEL

Távio Cerqueira fazia esculturas com durepox quando se deu conta do poder emanado do bronze. Foi durante uma exposição de esculturas de Auguste Rodin, na Pinacoteca, em São Paulo. "Fazia artesanato e não tinha nenhuma relação com escultura em bronze ou arte contemporânea", conta o artista, que inaugura a exposição Flávio Cerqueira – um escultor de significados amanhã, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Cerqueira começava, naquele 2001, uma faculdade de artes visuais e ver as peças de Rodin mudou tudo. "Até então, eu não tinha visto nenhuma escultura em bronze com escala mais humana, só tinha contato com esculturas de monumentos da cidade. Ao ver uma escultura de tamanho real ou menor, vi possibilidades de produzir algo que não fosse monumental", lembra.

Com curadoria de Lilia Schwarcz, a exposição celebra 15 anos da trajetória do artista e reúne 40 obras em um recorte da produção dos últimos 10 anos. É uma panorâmica que faz um bom apanhado das preocupações e pesquisas do artista. A condição humana é, de maneira geral, o ponto central da obra, que traz personagens em cenas do cotidiano aparentemente banais, mas carregadas de simbolismo, poesia e muitas narrativas. "Elas são frutos das caminhadas do Flávio, quando ele, vê pessoas imagina pessoas, representa pessoas, são frutos de situações que todos nós conhecemos em relação ao genocídio da juventude negra. São frutos da memória afetiva do próprio Flávio", avisa a curadora.

Temas como solidão, identidade, raça, classe, gênero e pertencimento fazem parte do repertório escultórico de Cerqueira e dão significado às peças. "Crio narrativas que vão de narrativas pessoais a fictícias e históricas. Vou abordar vários assuntos para poder criar uma escultura", explica. "Entendo meu trabalho como um momento congelado de uma cena, um instante pausado de uma ação. As esculturas estão sempre fazendo algo, elenco um momento que acho importante para ser retratado", diz o artista,

que lembra sempre que não faz retratos, mas cria personagens.

Durante séculos, o bronze foi utilizado para exaltar o poder. Desse material são feitos os bustos de reis e imperadores, generais e soldados, as esculturas equestres e os canhões. Um material cuja nobreza Cerqueira transporta para outro universo, o das pessoas comuns, eventualmente periféricas, o das situações banais do cotidiano, aquelas capazes de fazer o público refletir sobre a própria existência humana. "Tudo na obra do Flávio não é exatamente o que parece. Você tem obras que parecem ser feitas de porcelana, mas elas são feitas no bronze. É uma mistura da fragilidade da porcelana com a estrutura do bronze. O que parece apenas um elogio, muitas vezes é uma crítica", explica Lilia Schwarcz . "E a questão do material é muito importante, primeiro porque não são muitos os artistas, sobretudo negros, que se aventuram na linguagem do bronze. O bronze é um material, em primeiro lugar, caro. Em segundo lugar, é um material muito complexo para você saber manipular ou utilizar a seu favor."

A exposição está dividida em quatro núcleos que exploram diversas fases da trajetória de Cerqueira. O Labirinto da Memória traz os aspectos autobiográficos. "Nenhuma escultura é autobiográfica, mas todas são autorreferenciais, porque partem das minhas experiências enquanto pessoa no mundo. Todo trabalho de arte acaba sendo autorreferencial, ciaro, mas gira em torno das minhas experiências", avisa. Esculturas como Monólogo, Iceberg e Ex Corde fazem parte desse núcleo. Em Um caminho sem volta, a introspecção toma a frente e o artista propõe pensar sobre o conhecimento, com certas esculturas associadas a um livro, elemento recorrente em algumas obras. Histórias: as minhas, as nossas e O Processo é Lento trazem esculturas maiores, como Tião e Memória de mim, na qual o personagem segura velas acesas. Reunidas, elas são parte de uma mesma história e falam sobre o mundo que rodeia o artista, mas também o público.



Curadoria: Lilia Schwarcz. Visitação a partir de amanhã até 24 de agosto, das 9h às 21h, na Galeria 2 do CCBB (SCES Trecho 02 Lote 22 – Edif. Presidente Tancredo Neves)

BETTERTOGETHER

ENTREVISTA // Flávio Cerqueira

Como você encara o contraste entre o bronze, um material nobre, e as narrativas cotidianas contadas

pelos personagens? Concordo não concordando. Trato de questões que são comuns, situações do dia a dia, que também esbarram em classe social e em questões raciais pelo fato de eu ser uma pessoa periférica. Mas o que eu estou mais interessado não é levantar nenhuma denúncia social ou questionamento, estou mais interessado nas questões humanas que vão além de questão social, de raça ou de gênero. As figuras que retrato acabam sendo estereotipadas pela sociedade, mas estou mais interessado nas situações que elas propõem, em levantar questões do ser humano que podem ser vistas e compreendidas em São Paulo, Estados Unidos ou na China.

Suas esculturas parecem capturar momentos de suspensão, solidão e silêncio. Como você constrói essas narrativas?

A escultura é física. Preciso da atuação física do espectador, abaixar, levantar, olhar, dar a volta. Então o espaço arquitetônico faz parte dessa narrativa porque o visitante também é atuante nessa narrativa como coautor do significado. A partir do momento em que crio uma cena com propósito, ela cria outras camadas de leitura quando vai para o espaço expositivo. A arquitetura faz parte disso.

Brasília é um espaço simbólico para você mostrar suas obras? O fato de expor na cidade enfatiza

algum aspecto político das obras? Não é a primeira vez, venho mostrando meu trabalho em Brasília há mais de uma década. A primeira vez foi em 2011, no Museu da República. Brasília tem uma carga simbólica enquanto território e espaço geográfico, mas a palavra 'política' é um pouco desgastada na arte e as pessoas acabam confundindo um trabalho político com politizado. Claro que, quando falo de um trabalho de raça e classe social, estou sendo tendencioso de provocar essas questões, mas o fato de o trabalho ser apresentado em Brasília não necessariamente vai torná-lo político pela questão geográfica.



A escultura é
física. Preciso
da atuação
física do
espectador,
abaixar,
levantar,
olhar, dar a
volta.

Flávio Cerqueira